



## **ENTRE CÉUS E INFERNOS: AS FRONTEIRAS DO ETERNO.**

**SOUZA, Aécio Thiago Alves de**<sup>1</sup> (aaciothiagorock@gmail.com); **LEITE, Eudes Fernando**<sup>2</sup> (eudesleite@ufgd.edu.br)

<sup>1</sup>Discente do curso de História da UFGD – Dourados;

<sup>2</sup>Docente do curso de História da UFGD – Dourados.

Com o intuito de estudar as lutas de interpretação no imaginário do inferno, uma herança cultural que rege comportamentos e justifica instituições do presente, influencia eleições, tentou-se demonstrar na pesquisa em História que o mito da punição eterna após a vida é uma construção da mentalidade racional filosófica ocidental, anterior ao cristianismo. A forma como interpretamos o mundo também é regido pelas mudanças do tempo, da sociedade e do jogo de símbolos pautados na diferença entre si. As regras que fornecem ferramentas para uma ação objetiva no mundo concreto e exterior — a nossa visão de mundo — é histórica. O inferno é mais um desses conceitos que possibilitam uma melhor relação com o mundo a nossa volta, principalmente o contexto social, visto que suscita engajamento em normas éticas, além de reconhecimento dentro de um grupo específico. Por ter um aspecto psicossocial, é importante entender como tal conceito se desenvolveu para compreendermos melhor a nossa sociedade. Estudou-se obras literárias e filosóficas como fontes para a pesquisa. As categorias de análise, em parte, são de filósofos que interpretaram a filosofia grega, principalmente Hannah Arendt. Começamos a investigação com a obra *Odisséia* de Homero e identificamos que o Hades não demonstra uma punição eterna e específica para cada "pecador", no entanto, possui alguns precedentes de deuses como Tício que sofrem alguns tormentos. Mas será com Platão em "*Górgias*" e "*A República*" que o mito da punição eterna se torna projeto político de coerção da camada popular que "não podia filosofar", ou seja, não podia achar "a verdade". Com a cristianização da Europa e a tendência política da instituição católica (após a queda do Império Romano) houve a transposição do mito Platônico para o dogmatismo religioso, embora não sem controvérsias como as exegeses de Orígenes que acreditava que o inferno era apenas passageiro, uma purificação para o Paraíso. E, por fim, com a obra *Divina Comédia*, vê-se que Dante Alighieri usa sua história para falar de sua vida, suas rixas políticas e demonstrar a sua versão do que é justo. Conclui-se que o inferno é uma tentativa dogmática de coerção social e exclusão de grupos: justifica o poder de um sobre os outros, favorecendo candidatos políticos. O inferno não é um lugar só para criminosos, mas também é um lugar para pessoas que não fazem parte da cultura ocidental européia, como aconteceu com índios que — ao entrarem em contato com os europeus — foram condenados ao inferno. Desta forma, o inferno é um instrumento homogeneizante que nega as diferenças, negando o diálogo, fomentando a violência entre povos diferentes. O inferno está repleto de preconceitos porque a sociedade que o fez é assim; é violento porque a sociedade também o é.

**Palavras-chave:** História, inferno, religião.

**Agradecimentos:** Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pela concessão de bolsa de iniciação científica e ao Doutor Eudes Fernando Leite pela orientação.